

18-10-2021

## Bálsamo da Exclusão

### Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.  
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Em um instante senti o aroma da pimenta (de cheiro) que os goianos gostam de ter em todos os pratos.... e de súbito fui buscar outras fragrâncias, algumas parecem alteradas. Esses instantes são assopros de sensibilidade.... o olfato me foi tomado em setembro de 2020 e não voltou/efeitos duradouros dessa doença terrível. Isso não é nada, muitos trabalhadores perderam a vida em meio a pandemia, outros perderam empregos e viram a fome chegar.

A fome tem perfume? Enquanto isso, o governo insiste em seu negacionismo: da vacina; da fome; das queimadas que transformam tantos perfumes em um único bedum de fumaça/de morte. Mas não se iludam, não é negacionismo e sim “negacionismo” (Sandro Cezar – CUT/Rio de Janeiro). Um grande negócio neoliberal, uberização de todos os setores / o fetiche do home office. Você é dono de seu tempo. Tempo de separação dos trabalhadores / de negação/ criminalização de movimentos sociais e da luta de classes.

Volto aos perfumes... Corro para o pequeno jardim e, propositalmente, esbarro no pequeno pé de alecrim, fecho os olhos e busco sentir o aroma inconfundível desse pequeno arbusto mediterrâneo..... Nada, nenhuma gota!

Não desisti, arranquei uma folha do pé de limão revolucionário (a muda que agora se desenvolve na Parcela Colmeia) e a essência estava lá. Que alegria!

Em um instante meu pensamento se voltou para Sierra Maestra. A imagem do velho camponês que cuida do sítio de onde emprestei um pequeno limão com apenas quatro sementes se tornou viva. Como será que ele está?

E se ele morasse no Brasil? Acredito que esteja seguro/feliz em sua tapera no alto da serra, com seus porcos, milho, limão e café – vida simples! A vista de sua janela é para o longo e profundo vale do Rio Yara, berço da revolução Cubana, que linda imagem. Na louca busca desse “Terroir do Cerrado”, abro o vidro de mel, um leve/distante aroma me toca e desaparece. Uma ténue decepção! Mas o cérebro (compensador) me empresta a cena das colmeias em suas caixas. Recebi aulas sobre abelhas de um amigo, uma mistura de camponês/funcionário público/raizeiro do Cerrado e contador de histórias... ele empresta um pouco de mel de abelhas para distribuir aos amigos e ainda oferta todas as receitas possíveis para curar todo o mal – com mel. O cheiro de mel me leva aos remanescentes de Cerrado / as flores à espera da polinização: Cipó-uva; Lixeira do Cerrado; Carvoeiro; Pequi; Aroeira; Assa peixe do Cerrado; Mata pasto. ....

Como a natureza nos brinda de tantos detalhes em meio à profunda simplicidade. Quero sentir os cheiros, quero estar na paisagem, quero incorporar os lugares, me sentir ambiente..... Aos povos das grandes cidades e pequenas também, é bom saber! Do Cerrado retiram-se as árvores – aquelas que as abelhas visitam – Carvoeiro, Pequi..... são arrancadas com a técnica do correntão, derruba-se tudo, enterra-se ou queima-se com a nobre justificativa de produzir “alimentos” e desenvolvimento. Mas o alimento não chega / os pratos ainda estão vazios. Que enganação! É apenas mais exclusão e concentração de renda.

Os perfumes permanecem e são privatizados/bálsamo da exclusão. As crianças, maltrapilhas, quando se postam à frente dos restaurantes foram (a)traídas pelo aroma da comida que lhes é negada. Ficam à espera de uma boa alma que ofereça uma marmita, antes porém, precisam enfrentar o cerceamento das seguranças que as expulsam – na mesma ordem/força que o fazem com os caninos que ali frequentam. O aroma provoca o cérebro e este determina o deslocamento, a fome tem pressa!

E na incapacidade de sentir essas essências – uma falsa ideia que os famintos sumiram das portas dos restaurantes. A Covid escolhe classe – sim escolhe!

Nos lixões – distantes dos olhos das pessoas de bem, as mesmas crianças maltrapilhas precisam enganar o cérebro para não sentir os odores fétidos do lixo produzido das sobras dos frequentadores dos restaurantes e procurar, nas montanhas de lixo, os restos de alimentos que lhe calam os estômagos. Uma luta para encontrar entre os odores do lixo o mesmo aroma da porta do restaurante.

A fome tem “perfume”.

As Crianças têm fome: as Crianças nas balsas à deriva no Mediterrâneo TÊM FOME; as Crianças lançadas nas cracolândias do mundo TÊM FOME; as Crianças em meio às guerras TÊM FOME; as Crianças Indígenas nos alteamentos urbanos TÊM FOME; as Crianças que vendem no trânsito TÊM FOME; as Crianças migrantes nas Jaulas da “grande américa” TÊM FOME; as Crianças de Paraisópolis TÊM FOME; Crianças despejadas com suas famílias por governos que insistem em falar de Deus – TÊM FOME; Crianças órfãs da pandemia TÊM FOME; as Crianças que você menos imagina TÊM FOME.

Tive a esperança que a pandemia traria uma nova ordem para o mundo, preocupação com o planeta e para com os seres vivos que aqui habitam. Me enganei.

Concordando com Pignati (Wanderlei A. Pignati), a pandemia “trouxe apenas um acirramento dos mercados”. Seguimos produzindo guerras, exclusão, fome, ..... destruição do ambiente, patifarias, ..... desocupações forçadas de trabalhadores sem-teto/sem-terra ..... e tantas outras barbáries. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*